

Edgars "Mazais" Krūmiņš, Edgars "Zirgs" Grabovskis,
Alvis Bernāns e Pēteris Kvetkovskis



Foto: Divulgação

Por **Guilherme Spiazi**

Antes de falar do Skyforger em si, me dou o direito de comentar que, considerando as palavras do vocalista e guitarrista Pēteris Kvetkovskis nesta entrevista, vivemos numa época onde por mais que encontremos dificuldade e não vivamos num sistema perfeito, ainda temos liberdade de ir e vir e o direito de seguir um sonho, sem medo de represálias do Estado. Dito isso, nada veio de mão beijada na vida do Skyforger. A banda oriunda da Letônia tem em sua formação músicos que trazem os horrores do comunismo marcados no seu psicológico. Fazer música e conquistar fãs fora de suas fronteiras era um sonho quase inalcançável, mas graças às mudanças no regime do país eles conseguiram perseverar. Apesar de ter iniciado tocando Doom Metal sob o nome de Grindmaster Dead em 1995, o grupo logo se voltou para o Black Metal e adicionou influências Folk ao seu som. O grupo construiu um nome entre os fãs do Pagan/Folk Metal a partir do primeiro disco - *Kauja Pie Saules* (1998) - e hoje está lançado *Senprūsija*, oitavo trabalho de estúdio. Neste álbum a banda formada atualmente por Pēteris, Alvis Bernāns (guitarra), Edgars "Zirgs" Grabovskis (baixo) e Edgars "Mazais" Krūmiņš (bateria) resgata memórias da Prússia antiga e celebra a cultura local. Além de falar sobre os tempos ruins sob a Cortina de Ferro, Pēteris fala sobre o momento atual do grupo e como é ser uma

banda de Metal numa terra tão distante dos grandes polos do estilo.

O Skyforger sempre abordou fatos históricos e culturais em suas letras e desta vez resolveu falar da Prússia antiga. Por que escolheram esse tema?

Pēteris Kvetkovskis: Desta vez escolhemos a Prússia antiga porque para nós, bálticos, letões e lituanos, o tema é importante. A Prússia formava a terceira nação báltica e foi exterminada durante as cruzadas do norte. Hoje eles não existem mais, pois os alemães tomaram posse da terra. Essa história está começando a ser esquecida e não queremos que isso aconteça. Muitos jovens bálticos não fazem ideia do que a Prússia antiga realmente era. Achamos importante fazer um disco para não deixar que parte dessa história fosse esquecida.

Falar sobre a própria história e o legado cultural casam bem com o Folk Metal? Este é um tema que se encaixa com facilidade nos discos?

Pēteris: Foi assim que começamos. Com relação ao estilo, muitas vezes chamado de Pagan ou Folk Metal, nem sempre as letras envolvem a história. Muitas vezes elas abordam a mitologia, hábitos, folclore e contos. Esses temas também estão em nossos discos e nós tentamos trazer coisas diferentes aos nossos trabalhos. Acho que o tema combina bem com esse estilo de Metal.

Concordo, mas quando você aborda a própria história tem-se a impressão que há uma carga emocional maior na música.

Pēteris: Com certeza. Mas isso é uma faca de dois gumes, pois se para nós o tema é algo forte, para muitas pessoas ele não tem importância alguma. Eu entendo isso e não vejo problemas. Nós nunca iremos pregar ou tentar ensinar algo, apenas queremos contar coisas extraídas da história. São emoções positivas, nós não estamos guardando nenhum tipo de rancor ou ódio do passado. Apenas não queremos que ela seja esquecida.

As músicas falam de eventos e pessoas importantes dos tempos da Prússia. Você teve a ajuda de consultores históricos para escrever sobre isso ou fez tudo sozinho?

Pēteris: Na verdade, tive o auxílio de um historiador profissional. Eu fiz o principal e ele me ajudou um pouco, porém o problema é que há pouca coisa sobre a Prússia. Depois da II Guerra Mundial, este lugar foi quase completamente exterminado. Os russos vieram e fizeram um grande estrago. Enfim, eu tive muito trabalho para encontrar material para um disco. Por isso esse cara me ajudou, ele tinha coisas que eu não conhecia. Não há muito material sobre esse assunto de onde se possa tirar informação.

Falando sobre Pagan e Folk Metal, você enxerga diferenças ou similaridades entre o estilo praticado nos bálticos e na Escandinávia?

Pēteris: Diria que há similaridades, sim. A diferença está na parte Folk, pois as melodias que usamos são um tanto diferentes das usadas pelos noruegueses ou alemães, por exemplo. Essa seria a principal diferença. As melodias adicionam ao estilo, mas não são o principal. O principal é o Metal e ele é o que é. Em alguns lugares ele é mais Black Metal, mas nós tentamos misturar tudo, talvez mais Black e Thrash, enquanto algumas bandas apenas tocam Heavy Metal. Se você escutar alguma outra banda de Pagan/Folk Metal dos bálticos, perceberá que ela soa diferente do Skyforger.

O que veio primeiro em *Senprūsija*, a música em si ou o conceito das letras?

Pēteris: O conceito estava no ar, eu não tinha as letras, mas tinha a ideia geral. Fizemos todas as músicas e depois de tudo gravado foi que comecei a fazer as letras. Desta forma é muito mais fácil para mim, pois gosto de ouvir a música e viajar. Fico imaginando as coisas de acordo com os momentos da música. Na minha opinião, elas se encaixam melhor na música dessa forma. Este é o meu estilo.

Você fez as músicas sozinho ou a banda participou do processo?

Pēteris: Desta vez eu fiz a maior parte das músicas. As coisas mudaram, hoje as pessoas têm família, trabalho e não sobra muito tempo. Por sorte ainda tenho tempo, então faço a maior parte das coisas sozinho.

Falando em mudanças, o Skyforger passou por algumas em sua formação depois de lançar *Kurbads* (2010). O que ocasionou essas mudanças?

Pēteris: A vida e a cena musical por aqui são diferentes, não é como na Alemanha ou nos EUA. Temos muito poucas bandas que fazem shows por aí ou que fazem turnês. A maioria das pessoas vive do seu trabalho e tem família, então quando a coisa começa a ficar séria eles têm problemas e precisam escolher entre fazer a coisa com seriedade ou voltar para a vida normal. Além disso, não ganhamos o suficiente para viver da banda. É impossível pagar alguém. Nosso dinheiro vai para comprar guitarras, cordas e coisas do gênero, então sempre há conflitos entre as pessoas e no final elas apenas deixam a banda. Isso acontece...

O álbum foi gravado como um trio?

Pēteris: Não foi exatamente um trio. Egons Kronbergs saiu da banda antes de gravarmos *Senprūsija*, mas ele se comprometeu a fazer este trabalho e gravou a segunda guitarra e os solos. Ele acabou servindo como um músico de estúdio, basicamente. Por que ele saiu, eu não sei. Nós sempre tivemos problemas com guitarristas.

As músicas de *Senprūsija* trazem ainda menos instrumentos Folk característicos da Letônia que o disco anterior. Isso já era planejado ou aconteceu porque o responsável por tocar

esses instrumentos, Kaspars Bārbals, deixou o grupo em 2012?

Pēteris: Se Kaspars estivesse na banda o resultado seria o mesmo, pois quando as novas músicas começaram a surgir elas eram mais agressivas que as de *Kurbads*. Em *Kurbads* eu criei várias partes Folk especialmente para Kaspars apenas para que ele tocasse algo, pois estava na banda. Talvez eu tenha feito a coisa errada ao compor algo apenas porque o cara estava no Skyforger. Então, quando ele deixou o grupo isso não foi grande coisa, pois havia poucas partes para ele fazer nas novas músicas. Ele não ficaria feliz de qualquer forma.

Considerando as dificuldades encontradas pelo grupo, o período de cinco anos entre um disco e outro é tido como normal. Você não se incomoda com isso?

Pēteris: Por alguma razão, eu nem percebi que haviam se passado cinco anos, parece que lançamos *Kurbads* há uns dois anos (risos). Claro que trabalhamos paulatinamente, afinal temos apenas um dia na semana para isso. As pessoas têm seus horários de trabalho, então é complicado juntar todo mundo. Outra coisa é que quando fazemos as músicas gostamos de

"TER FÃS ALÉM DAS
FRONTEIRAS DO NOSSO
PAÍS NOS DEIXA MUITO
FELIZES E É ALGO QUE
VALORIZAMOS MUITO."
PETERIS KVETKOVSKIS

arranjá-las o máximo que pudermos para que elas tenham o melhor resultado possível. Nós escutamos em casa várias vezes, mudamos uma coisa aqui, outra ali etc. Isso toma tempo, então acho que é melhor trabalhar a qualidade que a quantidade.

Como é a base de fãs do Skyforger? Vocês recebem o devido apoio? Ela tem aumentado?

Pēteris: Claro que eles nos apoiam! É difícil falar disso porque não posso nos comparar com bandas como o Iron Maiden, é claro (risos). Estamos felizes com o que temos, ainda mais para quem viveu na época da União Soviética. Naquela época, quando eu era jovem, não havia a menor possibilidade de sair da União Soviética e encontrar pessoas do outro lado do mundo, quem dirá sonhar em conversar com alguém como estamos conversando agora. Quem viveu aquela época valoriza muito mesmo o momento atual. Ter fãs além das fronteiras do nosso país nos deixa muito felizes e é algo que valorizamos muito. É algo grandioso para nós. Podemos não ser uma banda grande, mas somos felizes por termos uma família.

Fale um pouco mais sobre como era a vida e a música naquela época.

Pēteris: O equipamento das bandas era pobre. Quando viamos algo como uma guitarra Gibson ou Jackson era como um sonho. Você sonhava em talvez ter aquilo algum dia, mas era quase impossível. Era muito difícil conseguir discos das bandas, eles eram contrabandeados e apenas algumas pessoas os tinham. Eles eram regravados e dados para alguns amigos, mas a qualidade era ruim, não era a coisa mais pura (risos). Não era divertido, mas as pessoas eram muito entusiasmadas, elas tinham o sonho de quem sabe um dia ser como os ídolos do oeste e conseguir o equipamento que eles tinham. As pessoas eram entusiasmadas e trabalhavam em prol dessa causa, mas elas entendiam que isso poderia nunca acontecer. Acho que em algum ponto as pessoas estavam fazendo uma espécie de 'cosplay' e fingindo ser os rockstars que admiravam. Queríamos ser como eles.

Essa é uma visão um tanto perturbadora. Fica claro que o problema era o sistema político da época.

Pēteris: Sim, era o sistema. Tudo que vinha do outro lado da fronteira, especialmente do oeste, como Europa e Estados Unidos, era considerado maléfico. O Metal e o Rock eram maus e cheios de mentiras. Eles tentavam nos influenciar, fazer uma lavagem cerebral ou algo assim. Essa lavagem cerebral comunista estava por toda parte. Nas ruas e nas escolas você era ensinado só de uma forma – apenas esteja preparado para viver na sociedade soviética. Tudo ao redor era o inimigo. Quando era criança, lembro-me do falecimento de Leonid Brezhnev (N.R.: político que presidiu a União Soviética de 1964 até sua morte, em 1982) e o medo das pessoas era de que os Estados Unidos lançassem uma bomba atômica na União Soviética (risos). Épocas como essa eram bem malucas.

Já que você viveu no mundo comunista e hoje faz parte do mundo capitalista, qual o melhor, em sua opinião?

Pēteris: É claro que é o momento atual! Você pode imaginar como era naquela época... Não era como é na Coreia do Norte, mas era bem próximo disso. Era muito ruim, acho que ninguém quer voltar a viver como naquela época.

Naqueles tempos, o Metal ou qualquer tipo de música deveria ser uma boa forma de escapar da realidade cruel por alguns minutos.

Pēteris: Com toda certeza. Quando alguém conseguia contrabandear algo do oeste a gente ficava perplexo. Era como algo de outro mundo – um mundo brilhante e feliz. A vida aqui era opaca e nada engraçada.

Como era a cena musical na Letônia quando lançaram o primeiro disco, *Kauja Pie Saules*, em 1998?

Pēteris: Éramos muito entusiasmados e estávamos prontos para tudo. Era muito divertido. Todos ao nosso redor estavam empolgados para trabalhar suas ideias,

ninguém falava em conseguir dinheiro com a música. Gravar um CD era o nosso maior sonho e significava atingir o topo (risos). Imagine isso! De alguma forma conseguimos manter o entusiasmo e nunca virar algo comercial, mas isso aconteceu e hoje a coisa é meio comercial sim. Não me refiro a isso como algo ruim, é apenas como as coisas são. Não há muito o que se possa fazer.

O Pagan/Folk Metal tornou-se um subgênero do Metal e cada vez mais tem surgido novas bandas do estilo. Como você encara o aparecimento de tantos grupos que soam como o Skyforger, por exemplo?

Pēteris: Não há nada que você possa fazer com relação a isso. Acontece com todo estilo. Quando o Slayer apareceu, logo surgiram milhares de bandas soando como o Slayer. Até hoje há novas bandas que tentam tocar como Slayer e Metallica. É normal e não posso fazer nada quanto a isso.

Você considera o Skyforger um dos pioneiros do estilo Pagan/Folk Metal?

Pēteris: Não sei. A gente não estava inserido no meio da coisa. A Letônia é um país distante da Alemanha e acho que a maior parte das coisas estava acontecendo por lá. É difícil dizer se fomos importantes para esse estilo de música naquela época. Se alguém disser que somos,

tudo bem, ficamos felizes com isso.

Atualmente as capas de álbuns costumam ser bastante elaboradas, com vários efeitos gráficos, mas a banda optou por uma arte bastante simples em *Senprūsija*...

Pēteris: Muitas bandas têm essas capas que parecem pinturas, mas todas começaram a ficar iguais e a gente queria fazer algo um pouco diferente. Não havia uma ideia especial

"GRAVAR UM CD
ERA O NOSSO MAIOR
SONHO E SIGNIFICAVA
ATINGIR O TOPO."
PETERIS KVETKOVSKIS

a respeito. Apenas encontramos esse cara que ofereceu o trabalho dele de graça. Eu gostei do que vi e aceitei. Foi assim que aconteceu.

Já com relação à produção você gosta de ter um bom resultado, certo?

Pēteris: Sim, fazemos o melhor que podemos por aqui.

Muitas bandas de Metal atualmente estão produzindo discos que soam cristalinos. Você

gosta dessa abordagem?

Pēteris: Verdade, isso tem acontecido. Até acho que nós mesmos começamos a soar um pouco plásticos ultimamente (risos). A gente tenta ficar o mais longe possível disso. Tentamos gravar tudo de forma simples e não exagerar. Gostamos de fazer como antigamente. Na Letônia não temos grandes estúdios que possam ser comparados com aqueles em que Iron Maiden ou Metallica gravam e também não sonhamos com isso. Estamos felizes com o resultado. Talvez ele não seja o melhor, mas não é ruim não.

O Skyforger lançou seu último disco pela Metal Blade Records, mas desta vez está de forma independente no mercado. Como isso está funcionando para a banda? Tem muita diferença?

Pēteris: Não tem muita diferença. Os tempos mudaram e as gravadoras não têm poder. Para uma banda pequena como a nossa, não sentimos que algo grande aconteceu quando lançamos *Kurbads* por eles. Os contatos de todos os shows e festivais foram feitos por nós. Tentamos promover o álbum o máximo que podíamos. Desta vez, optamos por fazer tudo sozinhos e até o momento está indo bem. Vamos ver como a coisa se desenvolverá. Não estamos buscando um grande número de vendas, até porque nunca tivemos isso. Acho que estaremos bem fazendo isso sozinhos.

Quando o Brasil receberá a visita do Skyforger?

Pēteris: Existe a possibilidade, mas não posso afirmar quando será. Tocamos na sétima edição do 'Thorhammerfest' há dois anos e quem sabe o produtor do festival nos leve novamente.

Você gostou de visitar o Brasil?

Pēteris: Com certeza (risos). Para nós foi uma loucura! Ficamos muito felizes porque havia muita gente do outro lado do mundo que conhecia a banda.

Imagino como deve se sentir vendo-os acompanhar a banda cantando em letão.

Pēteris: Acho que isso foi algo bom que aconteceu na cena Metal. As bandas começaram a cantar em suas respectivas línguas e isso já não é mais um problema como era anos atrás, quando se você não cantasse em inglês ninguém se importava com a sua banda. Foi uma mudança muito positiva. Se as pessoas puderem cantar as melodias já é legal!

Obrigado pela entrevista Pēteris. Você gostaria de deixar uma mensagem para os fãs?

Pēteris: Se você ainda não tem *Senprūsija*, saiba que ele está um pouco mais pesado que *Kurbads*, mas ainda tem bastante coisa Folk na música. Posso garantir que você não ficará desapontado. Esperamos voltar para o Brasil, tocar essas músicas novas e que as pessoas já as conheçam quando isso acontecer. ◉

